



F A R S A

CATARINA MIRANDA

www.catarinamiranda.com

F A R S A

ilusão — artifício — dismorfia

“Enganar não exige linguagem — apenas desvio de atenção. É a intenção de levar alguém a acreditar em algo diferente daquilo que se sabe ser verdade.” — Errol Morris

FARSA é uma criação cénica de Catarina Miranda para três intérpretes e uma máquina cénica inspirada em dispositivos de ilusão óptica do século XIX.

A peça explora conceitos sobre percepção, engano e transmissão, como forças que moldam a experiência contemporânea.

Inspirando-se na **Alegoria da Caverna de Platão**, FARSA desenvolve-se como uma composição de matérias em movimento — uma coreografia de luz, som e matéria, explorando ilusão e manipulação, e refletindo sobre como a desinformação molda a nossa percepção da verdade e da realidade. A obra desmonta a ideia de uma narrativa única e analisa como a perspetiva e o enquadramento transformam factos, em percepção.

VOZ E ORALIDADE

O engano baseia-se frequentemente, não apenas em ilusões visuais, mas também na manipulação do som e da linguagem, que moldam a forma como percebemos, comunicamos e compreendemos factos, situações e emoções.

Nesse sentido, em FARSA, Miranda colabora com o compositor Jonathan Uliel Saldanha, com o intuito de jogar com construções falsas da voz e línguas humanas, que de certa forma se assemelham a elementos do colectivo imaginário comum.

Assim a banda sonora é uma composição coral inspirada na icónica peça “A Sagração da Primavera”, de Stravinsky, reimaginada através de ensembles vocais digitais e vozes geradas por inteligência artificial.

Esta manifestação operática é conduzida em palco, por um mestre de cerimónias, que evoca múltiplas vozes, a partir de um único corpo.

EPIDERME PLÁSTICA

Em palco, duas superfícies transparentes de silicone com 8 × 6 metros assemelham-se a uma pele ampliada — completa com poros, pêlos e um mamilo.

Suspensas por cordas e motores, estas membranas elásticas funcionam como paisagens cénicas.

O palco transforma-se num organismo vivo, animado por tensão, pressão e distorção — uma superfície sensível que reage ao toque e à luz.

DREAM MACHINE

Coreografia como Sombras em Movimento

A coreografia desenvolve-se através de jogos de luz e sombra, evocando as primeiras ilusões cinematográficas, e distorcendo algumas referências como a pintura “Dance” de Matisse e a fisicalidade expressiva das peças de dança — “Sacre du Printemps” de Pina Bausch e L’Après-midi d’un Faune” de Nijinski.

Lanternas mágicas circulares projetam as sombras dos performers,, multiplicando e sobrepondo os seus gestos em imagens fantasmagóricas nas paredes do teatro.

PÚBLICO COMO PERFORMER

FARSA é concebida para teatros com plateia sentada.

Um pequeno grupo de espectadores (cerca de 15) é discretamente convidado a mudar de lugar, sob a impressão de que assim terá uma melhor vista.

São depois conduzidos para o palco, tornando-se simultaneamente observadores e participantes do espetáculo.

FARSA explora a ambiguidade da percepção, transformando o palco num **sistema-máquina** capaz de evocar e estimular experiências psico-sensoriais, fazendo uso das dimensões performativas do gesto, da ilusão visual e do som.

Esta investigação sobre manipulação sensorial e realidades alteradas sustenta a continuidade da estética ficcional e dramatúrgica de trabalhos anteriores como [CABRAQIMERA](#) (2021), onde corpos híbridos desafiam percepções convencionais sobre identidade e gravidade física, e [ATSUMORI](#) (2024), que explora paisagens fantasmagóricas e espaço apotropaico.

FARSA explora os limites funcionais do cérebro humano e do sistema sensorial, enfatizando como a percepção é fluida e em constante mudança, ao invés de fixa e absoluta, continuando a investigação de Catarina Miranda sobre estados liminais e ambiguidade perceptual.

EQUIPA

Direção Artística — Catarina Miranda

Interpretação — Ângela Diaz Quintela, Beatriz Valentim, Bruno Brandolino

Cocriação — Ângela Diaz Quintela, Beatriz Valentim, Bruno Brandolino, Carlos Azevedo Mesquita, Catarina Miranda, João Brojo, João Ferreira, Jonathan Saldanha, Sérgio Coutinho

Apoio à Investigação — Nuno Preto, Junis Becherer, Maria Antunes

Desenho de Luz — Joana Mário

Assistência de Luz — Rita Conde

Composição Musical — Jonathan Saldanha, Artiaga Mirada

Concepção do Espaço — Carlos Azeredo Mesquita, Catarina Miranda, Joana Mário, João Brojo, João Ferreira, Sérgio Coutinho, Jonathan Saldanha

Próteses e Cenografia — Júlio Alves, Hugo Flores

Figurinos — Catarina Miranda

Apoio Dramatúrgico — Maria Inês Marques, João Fiadeiro

Produção — RÁRA

Gestão de Produção — Teresa Camarinha

Produção Executiva — João Brojo

Difusão / Distribuição — Inês Le Gué | jardin&cour

PARCEIROS

Coproduções — Teatro Municipal do Porto (PT), OOPSA (PT), 23 Milhas (PT), Pôle-Sud (FR), Theatre Freiburg (DE);

Apoio a residências — Espaço do Tempo (PT), BoraBora (DK) e EVC (PT);

Grand Luxe Dance Network (2024–25) — Residências de criação — Grand Studio (Bruxelas, BE), L'Abri (Genebra, CH), Pôle-Sud e CCN — Ballet de l'Opéra National du Rhin (Estrasburgo, FR), Maison TROIS C-L (Luxemburgo) e Theatre Freiburg (DE)

FARSA é apoiada pelo Ministério da Cultura — DGARTES / Governo de Portugal

ESTREIA

FARSA terá a sua estreia no Festival DDD / PT — 10-11 Abril 2026., seguida dos espetáculos no 23 Milhas / PT — 24 abril 2026 e no Teatro Viriato / PT — 30 abril 2026.

CATARINA MIRANDA

Artista que trabalha com linguagens que interceptam imagem, movimento, voz, cenografia e luz, abordando o corpo como um veículo para a transformação e mediação de estados hipnagógicos, bem como para os gestos e procedimentos da consciência visceral do presente. Tem vindo a criar peças caracterizadas pela construção de topografias pós-naturais e corporeidades oraculares, com foco na percepção e dramaturgias ficcionais.

Destaca as peças de palco ATSUMORI, CABRAQIMERA, DREAM IS THE DREAM, REIPOSTO REIMORTO e BOCA MURALHA, apresentadas em locais como o Centre Pompidou (Paris, FR), Palais de Tokyo (Paris, FR), Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, PT), Museu de Serralves (Porto, PT), Teatro Municipal do Porto (PT), Festival Pays de Danses (Liège, BE) e Festival Short Theatre (Roma, IT).

Miranda apresentou as instalações visuais POROMECHANICS no Centre Pompidou (Paris, FR), Festival Walk&Talk (Açores, PT), Teatro São Luiz em Lisboa, bem como DIAGONALANIMAL no Fabrik Festival (Fall River, EUA) e MOUNTAIN MOUTH no Dance Box e Maizuru RB (Kobe/Maizuru, JP).

Miranda terminou o mestrado em Coreografia no programa EXERCE/ICI-CCN Montpellier/ FR e a licenciatura em Artes Visuais pela Universidade de Belas Artes do Porto. Estudou Teatro Noh no Kyoto Art Center (JP 2018).

Em 2024 foi nomeada para o Prémio Europeu de Dança Salavisa (SEDA) concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian.

www.catarinamiranda.com

APRESENTAÇÃO EM PROCESSO — TROIS C—L / LUXEMBURGO

VIDEO — <https://vimeo.com/1104254999>



PROJETOS ANTERIORES

ATSUMORI 2024 — Peça de dança para um quinteto e um palco luminoso.
Espectro na repetição — Topografia intersticial — Dança apotropaica
[Trailer](#) || [Video completo da peça no Centre Pompidou / Les Spectacles Vivants 2024](#)



CABRAQIMERA 2021 — Peça de dança para um quarteto sobre patins.
Aceleração — Morte — Natureza Tecnológica
[Trailer](#) || [Video completo da peça no Festival DDD 2021](#)



DREAM IS THE DREAMER 2019 — Peça de dança para 1 bailarino e 3 sacos plásticos.
Antropocentrismo — Ficção Científica — Aeroscene
[Trailer](#) || [Video completo da peça no AfriCologne Festival 2021](#)



POROMECHANICS 2021-23 — Instalação Visual — Artistas em estados de imersão.
Hipnagogia — Imaginação Somática
[Trailer](#) — [Teatro M. Rivoli Porto 2022](#) || Imagem — Instalação Visual no Centre Pompidou 2022

